

**Universidade Federal de Pelotas**

**Reitor** Pedro Rodrigues Curi Hallal  
**Vice Reitor** Luiz Centeno do Amaral  
**Pró reitores**  
**Ensino**  
Maria de Fátima Cossio  
**Administrativo**  
Ricardo Hartlebem Peter  
**Gestão da Informação e Comunicação**  
Julio Balzana De Matos  
**Assistência Estudantil**  
Mário Renato de Azevedo Junior  
**Extensão e Cultura**  
Francisca Ferreira Michelon  
**Gestão de Pessoas**  
Sérgio Batista Christino  
**Pesquisa, Pós-graduação e Inovação**  
Flávio Fernando de Marco  
**Planejamento**  
Otávio Peres  
**Rede de Museus da UFPEL**  
Silvana Bojanoski  
**SAMALG**  
Luciana Dias da Costa Vianna  
Francis Silva

**Centro de Artes**

**Diretora** Ursula Rosa da Silva  
**Diretora Adjunta** Nadia da Cruz Senna  
**Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo**  
**Diretor** Lauer Alves Nunes dos Santos  
**Núcleo administrativo**  
Roberta Trierweiller  
**Núcleo de reserva técnica e acervo**  
Joana Lizot  
Fábio Alves Gali  
**Bolsistas e voluntários**  
Gabriela da Costa Gomes - PET Artes Visuais  
Renan S. do Espírito Santo  
Stela Soares Kubiaki - PET Artes Visuais  
**Portaria - Suport**  
Fagner da Silva Marques  
Luciane Pereira Valente  
**Higienização - SulClean**  
Simone Gonçalves  
**Segurança - Lince**  
Antônio Carlos da Cunha Lemos,  
Natam B. Soares  
Maurício dos Santos,  
Sérgio Alberto Bezerra de Matos

**O eu: entre o autorretrato e a selfie**

**Artistas**  
André Venzon, Antônio Caringi, Conceição Aleixo,  
Daniel Acosta, Inah d'Ávila Costa,  
José Luiz de Pellegrin, Leopoldo Gotuzzo,  
Volney Petiz, Yara Castro Meinier  
**Curadoria**  
Laboratório de Curadoria do MALG | LACMALG:  
Amanda Machado Madruga  
Edward Pérez-González  
Lauer Alves Nunes dos Santos  
**Textos**  
Edward Pérez-González  
Lauer Alves Nunes dos Santos  
**Tradução e Revisão**  
Isadora Nuñez  
**Assistentes da Curadoria**  
Gabriela da Costa Gomes - PET Artes Visuais  
Renan S. do Espírito Santo  
Stela Soares Kubiaki - PET Artes Visuais  
**Expografia e montagem**  
Fábio Galli Alves, Joana Soster Lizott,  
Lauer A. N. Santos, Amanda Machado Madruga,  
Edward Pérez-González, Rafael Nolasco  
**Design**  
Amanda Machado Madruga  
Renan S. Espírito Santo  
**Fotografia**  
Daniel Moura  
**Arquitetura**  
Jeferson Salaberry  
Cintia Essinger  
**Mestre de Obras**  
Cristiano Beltrão Souza  
**Marcenaria**  
Amilton Rosa de Souza, Alexandre Rochel,  
Davis Domingues de Freitas, Eno Völz Kiesow  
**Elétrica e luz**  
Alexandre da Silva Silveira  
Diego Azambuja  
**Pintura**  
Tiago Gaeta  
Giovani Duarte Araújo  
**Apoio**



**Abertura**

25 de janeiro de 2020

**Entrada Gratuita**

terça a domingo das 10h às 19h30


REALIZAÇÃO:



APOIO:



 museuleopoldogotuzzo

 museugotuzzo



**MUSEU DE ARTE  
LEOPOLDO GOTUZZO**  
CENTRO DE ARTES • UFPEL

Praça Sete de Julho, 180  
Centro - Pelotas /RS  
CEP 96020-010

55 53 3284-4319  
secretariamalg@gmail.com  
<https://wp.ufpel.edu.br/malg/>



# O eu: *entre o autorretrato e a selfie*

## Artistas

André Venzon  
Antônio Caringi  
Conceição Aleixo  
Daniel Acosta  
Inah D'Ávila Costa  
José Luiz de Pellegrin  
Leopoldo Gotuzzo  
Volney Petiz  
Yara Castro Meinier

## Curadoria

Laboratório de Curadoria do MALG | LACMALG  
Amanda Machado Madruga  
Edward Pérez-González  
Lauer Alves Nunes dos Santos

PROGRAMAÇÃO **MALG** 2020

## O eu: entre o autorretrato e a *selfie*

“*Eu amava Narciso porque, enquanto ele se deitava nas minhas margens e olhava para mim, no espelho de seus olhos eu sempre vi minha própria beleza refletida.*”

Oscar Wilde (1889)  
em A disciplina

A *selfie*, como fenômeno social da contemporaneidade, parece tensionar as ideias tradicionais sobre a construção do eu. Em busca de narrativas próprias que respondam a tempos marcados pela imediatez, essas fotografias autotiradas e socializadas têm se convertido em um dos signos mais contundentes de nosso tempo, criando relatos – próprios das redes sociais virtuais – numa espécie de euforia coletiva onde se tornam públicos os mais banais atos de nossa cotidianidade. Uma colocação em cena, nas esferas virtuais, de quem busca agradar: quem se expõe e é observado, quem observa e comenta, aquele que gosta e compartilha, aquele que segue e é seguido.

Essas narrativas, comumente alteradas, almejam a construção de um ideal de beleza – organicamente globalizado – em todos os sentidos da existência. Uma vida ‘curada’, que faz referência à nossa própria imagem como espelhamento, como objeto de uma construção coletiva de um *self* ilusório que nos afasta daquilo a que Nietzsche<sup>1</sup> se referia como o ‘feito’, daquilo que é nossa própria decadência.

As artes visuais participam e têm participado ao longo da história destes jogos de construção do eu. Tradicionalmente através do autorretrato – que demanda tempo do artista e requer uma reflexão aguda e íntima para sua construção – e, contemporaneamente, ao incluir múltiplos e diferentes recursos e inovações. Assim, a arte vai dando conta de sua época através de meios e práticas que coexistem e convergem.

Na exposição do MALG há autor-

retratos pertencentes ao acervo do museu e de artistas convidados. É de Leopoldo Gotuzzo, patrono do museu, o maior número de autorretratos existentes no acervo: seis. Esses autorretratos mostram, além das transformações naturais de um homem que teve uma vida longa, sua relação constante com a arte.

Das oito coleções do museu, a segunda com maior número de autorretratos é a Coleção Escola de Belas Artes. Exercício acadêmico ou autoafirmação da profissão por jovens artistas, são pinturas que figurativizam seus autores no exercício de seu ofício. Mesmo que essas obras não tivessem título, seriam reconhecidas como retratos de artistas. O título, no entanto, indica sua autoria.

Por fim, uma obra da Coleção Século XXI e dois artistas convidados constituem o núcleo contemporâneo do autorretrato, que se avizinha, mesmo que de maneira indireta, das próprias *selfies*. Na obra de Daniel Acosta o duplo eu replica a figura do artista que olha para si próprio como uma espécie de narciso que, ao invés de se contemplar, parece se autoconfrontar. A obra de André Venzon, ao não mostrar a cabeça do artista isolada pelo ‘tapume’, cria um antirretrato, no qual o artista se mostra ao se ocultar. Já nas *polaroids* de José Luiz de Pellegrin, a proximidade da câmera desfigura o autorretrato e converte o corpo em massas de cores pictóricas, e é esse jogo com a *polaroid* o que talvez mais se aproxime das *selfies* da atualidade. No período em que o artista executou suas obras ainda não havia em circulação câmeras digitais nem dispositivos

para difusão e compartilhamento das imagens, mas a instantaneidade das fotografias *polaroid* exercia um fascínio hoje naturalizado a todos através de câmeras nos aparelhos celulares. No entanto, cabe ressaltar que o instantâneo em seus trabalhos era apenas um instrumento a mais para a elaboração minuciosa e reflexiva do autorretrato.

A *selfie* aparece – ou é proposta – neste contexto dentro da incerteza polimorfa e coletiva própria das redes sociais digitais. A *selfie* como autorretrato, como autoimagem, poderia ser inserida no que o sociólogo estadunidense George Herbert Mead<sup>2</sup> apontou como uma maneira de construir ‘o eu’ quando afirma que as pessoas desenvolvem autoimagens por meio de interações com outras pessoas. Mead argumentou que ‘o eu’, que é a parte da personalidade de uma pessoa que consiste em autoconsciência e autoimagem, é um produto da experiência social. Mas, além do caráter social ou psicológico que pode estar associado à construção do ‘eu’, a *selfie* e o fenômeno social que ela provoca propõem um jogo atraente para as esferas da arte. O mundo da arte tenta responder às provocações e perguntas que suscita, mas, acima de tudo, torna-se parte do entusiasmo quase irracional que provoca.

De acordo com Agathe Lichtenstztein<sup>3</sup>, a *selfie* coloca em questão, desde o seu surgimento, sua pertinência artística e viabilidade, não exclusivamente como fotografia nem como autorretrato. A autora reitera a opinião de que, além de suas características sociais e tecnológicas – compartilhamento *on-line*, curtidas –, é ao astronauta japonês Aki Hoshide que se atribui indiretamente a primeira *selfie*, revelada por seu reflexo no visor do capacete no instante de se fotografar durante a Expedição 32 da Estação Espacial Internacional, em 18 de setembro de 2012. A partir desse momento, a *selfie* entra em cena. Não sabemos

se como arte, mas certamente como ator perturbador dos padrões convencionais e estabelecidos pelo autorretrato tradicional.

A presença da *selfie* nesta exposição é uma provocação, uma experiência e uma incerteza. Propor ao público participar e interagir numa exposição de autorretratos a partir de um dispositivo acessível e que interessa, de alguma maneira, à grande maioria das pessoas, é dar um passo na construção e elaboração de um conhecimento da ordem do instantâneo e impulsivo em direção ao reflexivo e planejado – o que é próprio da construção do conhecimento e algo almejavável para museu universitário. Os resultados são incertos e poderão ser vistos no decorrer da exposição.

Enquanto o autorretrato parece estar restrito aos espaços próprios da arte, a *selfie*, devido sua virtualidade e sua imediata e massiva acessibilidade, coloca em questão meios e espaços de representação. Em um mundo cada vez mais ‘democratizado’ e de definições cada vez mais elásticas, poderíamos, então, nos perguntar: será possível considerar-se a *selfie* arte?

**Dr. Edward Pérez-González**

Laboratório de Curadoria do MALG  
| LACMALG

Montreal, janeiro de 2020

**Dr. Lauer Alves Nunes dos Santos**

Laboratório de Curadoria do MALG  
| LACMALG

Pelotas, janeiro de 2020

<sup>1</sup>Nietzsche, Friedrich (2001) El crepúsculo de los ídolos o cómo se filosofa a martillazos. Traducción de Andrés Sánchez Pascual, Madrid: Editorial Alianza.

<sup>2</sup>Mead, George Herbert (1934) Mind, Self, & Society. Chicago, IL: University of Chicago Press.

<sup>3</sup>Lichtenstztein, Agathe (2015) Le selfie aux frontières de l'egoportrait. Paris: Editions L'Harmattan, Collection Eidos.